

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Carlos Izcaray direcção musical

15 Mar 2019 · 21:00 Sala Suggia

CONCERTO DEDICADO À SAFIRA



casa da música

EMPRESA AMIGA





Maestro Carlos Izcaray  
sobre o programa do concerto.

<https://vimeo.com/323441084>

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

## **Paul Desenne**

*Palenkumbé* (2007; c.10min)\*

## **Heitor Villa-Lobos**

*Uirapuru* (1934; c.20min)

## **Alberto Ginastera**

*Glosses sobre temas de Pau Casals, op. 48* (1976-77; c.18min)\*

1. Introducció
2. Romanç
3. Sardanes
4. Cant
5. Conclusió delirant

2ª PARTE

## **Silvestre Revueltas (arr. José Ives Limantour)**

*La Noche de los Mayas* (1939/1959; c.30min)\*

1. Noche de los mayas
2. Noche de jaranas
3. Noche de Yucatán
4. Noche de encantamiento

\*Estreias em Portugal

## Perspectivas da música contemporânea das Américas

Este concerto apresenta obras para orquestra de compositores centro e sul-americanos escritas entre 1917 e 2007, enfatizando as diversas formas de sentir a identidade americana em vários tempos e espaços. A viagem começa com a obra mais recente, a abertura de concerto *Palenkumbé*, do compositor venezuelano **Paul Desenne** (n. 1959). Desenne estudou em Caracas e em Paris, e o seu estilo mistura elementos das músicas populares e tradicionais das Américas com técnicas da música erudita contemporânea. *Palenkumbé* foi encomendada pela Fundação Salvi para a edição de 2008 do Festival de Música Clássica de Cartagena das Índias, um prestigiado certame realizado nessa cidade colombiana. A relação de Desenne com o maestro russo Yuli Turovsky, com quem trabalhou com regularidade, foi essencial para a criação de *Palenkumbé*. A sua estreia foi dirigida por Turovsky, que orientou os *1 Musici de Montréal*, a orquestra residente dessa edição do festival.

Em *Palenkumbé*, uma celebração da identidade afro-latino-americana, Desenne estiliza um canto afro-colombiano evocativo da luta pela liberdade dos escravos do Caribe e da Colômbia. A abertura desenrola-se através da sucessão de episódios contrastantes, contrapondo passagens líricas a momentos marcados por ritmos pulsantes, interpretados por instrumentos de percussão tradicional. A sobreposição de padrões rítmicos cruzados e repetidos remete para a herança africana das Américas. Paralelamente, Desenne cria diversos grupos na orquestra que interagem entre si, numa atmosfera inspirada pelas bandas sonoras do cinema da década de 50. Assim, a polir-

ritmia permeia *Palenkumbé*, onde se destacam os ritmos vivos e as melodias ligadas às músicas populares e tradicionais das Américas, enfatizados pelo uso colorido do instrumentário.

A vivacidade rítmica é uma característica constitutiva de *Uirapuru*, do brasileiro **Heitor Villa-Lobos** (1887-1959). A obra teve a sua génese num dos períodos mais férteis do compositor, entre 1912 e 1917. Nessa altura, o primitivismo estava na moda tanto na Europa como no Brasil, e Villa-Lobos contribuiu para desenvolver uma linguagem modernista de características brasileiras que remetia para esse contexto, a partir da inspiração no índio brasileiro. *Uirapuru* foi inicialmente concebido como um poema sinfónico intitulado *Tédio de alvorada*. A partir de 1917, foi revisto pelo compositor, que o transformou num bailado. Apresentado em 1935, foi dedicado ao coreógrafo Serge Lifar, então mestre de dança da Ópera de Paris. A estreia deu-se em Buenos Aires a 25 de Maio de 1935. Nessa época, o Brasil vivia a transição instável da República para o Estado Novo e o seu presidente, Getúlio Vargas, encontrava-se em visita oficial à Argentina. Nesse contexto, a música e o bailado foram usados como forma de propaganda do pan-sul-americanismo, tendo como objecto a Amazónia.

*Uirapuru* é a nomenclatura escolhida pelos índios Tupi para uma família de pássaros conhecidos pela variedade do canto. Paralelamente, é o deus do amor na sua mitologia. O argumento do bailado gira em torno desse pássaro, que Villa-Lobos representa através da flauta. O uirapuru toma a forma de um índio que, disputado por várias mulheres, é morto por um índio rival e retorna à forma de pássaro, deixando o canto como único vestígio. Na peça, som, religião e amor fundem-se numa obra de

carácter modernista, enfatizado pelo recurso a instrumentos desenvolvidos no final do século XIX, como o saxofone soprano e o violino Stroh.

*Uirapuru* começa com um acorde dissonante antecipando uma introdução calma que revolve em torno de um motivo angular. Esse motivo é apresentado pelos violinos com a pontuação dos instrumentos de sopro e repetido e desenvolvido até à entrada do canto do pássaro – a melodia sinuosa e ondulante da flauta. Seguidamente, entra um *ostinato* irregular sobre o qual as cordas apresentam uma melodia que se vai tornando mais percussiva. A atmosfera intensifica-se com a adição de camadas sonoras até atingir uma pausa abrupta que prepara a repetição da secção inicial. A melodia da flauta é seguidamente apropriada pelo saxofone soprano, que enfatiza algumas particularidades do instrumento. Os *ostinati* são retomados até nova pausa dramática, dando lugar à segunda grande secção da obra, iniciada pelo retorno da flauta, agora acompanhada por uma textura esparsa onde pontifica a riqueza tímbrica dos sopros e da percussão. A ideia fixa do pássaro é repetida, conduzindo a peça a outra pausa, à qual se sucede a apresentação da melodia principal pela orquestra, embora numa forma transformada. Tendo como eixo uma nova apresentação da melodia pela flauta, a obra prossegue com uma secção etérea marcada por algumas intervenções a solo sobre acordes dos instrumentos de sopro. As texturas de densidade variável sucedem-se, dando lugar a solos da percussão sobre *ostinati*. Um conjunto de atmosferas serenas, pontuadas pelo toque dos sinos e pelas notas repetidas, conduzem *Uirapuru* ao voo final, uma badalada de sino precedida por solos de violino e de flauta.

O violoncelista Pau Casals é uma referência na história desse instrumento. Além de destacado intérprete, escreveu obras que serviram de inspiração às *Glosses sobre temas de Pau Casals*, compostas em 1976 pelo argentino **Alberto Ginastera** (1916-1983). Nessa altura, Casals tinha falecido havia pouco tempo. Uma referência do combate aos regimes autoritários, o violoncelista exilou-se da Espanha franquista, viajou pela Europa e pelas Américas e fixou-se em Porto Rico, em 1957. Um ponto de ligação entre as duas personalidades é a Catalunha: tal como Casals, o pai de Ginastera era catalão.

Na época, Ginastera era reconhecido como um dos grandes compositores da América do Sul, tendo-se aproximado do estilo das vanguardas europeias do pós-Segunda Guerra Mundial. Numa primeira fase, baseou-se no património tradicional e popular da Argentina, conferindo um cunho simultaneamente nacionalista e folclorista às suas obras. Assim, as pampas e os gaúchos inspiraram-no na escrita de obras como o bailado *Estancia*. Posteriormente, o compositor recorreu a esses elementos e misturou-os com outros associados ao serialismo e ao microtonalismo, tendência que se encontra patente nas *Glosses*. Inicialmente escritas para quinteto ou orquestra de cordas, as *Glosses* foram encomendadas pelo Festival Casals – um evento fundado pelo violoncelista em Porto Rico, o país de origem de sua mãe, em 1955. Ginastera reformulou-as para orquestra sinfónica no ano seguinte, e a versão orquestral da obra foi estreada a 24 de Janeiro de 1978 pela National Symphony Orchestra (de Washington, D.C.), dirigida pelo violoncelista exilado Mstislav Rostropovitch.

As *Glosses sobre temas de Pau Casals* citam passagens de peças de Casals, sugerem os *Feux d'artifice* de Stravinski, no primeiro

andamento, e sintetizam vários elementos do estilo tardio e pessoal de Ginastera. A peça começa com um andamento que remete para o sagrado, evocando a Virgem Negra de Monserrate, uma imagem de grande devoção na Catalunha. A ligação é feita através da citação da peça sacra de Casals intitulada *Oració a la verge de Montserrat*. Nessa secção, misturam-se atmosferas contemplativas em texturas etéreas com melodias ondulantes e fanfarras e corais, terminando com um solo de violoncelo que introduz o *Adagio*. Este andamento apresenta uma atmosfera pastoral, na qual uma melodia *cantabile* se sobrepõe a uma trama dissonante e rarefeita. Essa melodia remete para as *Tres estrofas de amor*, uma canção escrita por Casals em 1958. O terceiro andamento coloca-nos nas ruas da Catalunha, onde costumam ser apresentadas as *sardanas*, as danças tradicionais da região, simulando-se um desfile de grupos de músicos e bailarinos que se aproximam e afastam do ouvinte. As texturas de dança sobrepõem-se e sucedem-se, criando um caos sonoro que retrata a paisagem sonora das festas catalãs. Seguidamente, ouve-se uma canção de Natal da Catalunha, o *Cant dell Ocells*, que emerge de uma atmosfera misteriosa construída pela interação de pequenas células. As *Glosses* terminam com um andamento movimentado e enérgico em que a tensão se acumula progressivamente, numa enérgica *sardana*.

A segunda parte do concerto é inteiramente preenchida pela obra *La Noche de los Mayas* do mexicano **Silvestre Revueltas** (1899-1940). A peça foi composta em 1939 como banda sonora do filme homónimo de Chano Urueta. Após a morte de Revueltas, o maestro e compositor José Ives Limantour seleccionou e ligou alguns momentos da banda sonora,

preparando-a para as salas de concerto. Dividida em quatro andamentos, a peça remete para o universo da sinfonia e foi estreada em Guadalajara a 31 de Janeiro de 1960.

O início em *fortissimo* de *Noche de los Mayas* assenta em notas sustentadas e no encadeamento de acordes paralelos, de sabor modal e pentatónico. A repetição desses elementos, com ritmos irregulares, dá lugar a uma secção intermédia onde se destaca a melodia expressiva *cantabile* sobre o acompanhamento leve da orquestra. A peça retoma a solenidade da atmosfera inicial, que contrasta com o segundo andamento, de carácter dançante. Um *ostinato* irregular é o suporte para uma melodia de sabor tradicional, pontuada pelos instrumentos de percussão, estilizando a *jarana*, uma dança popular de Yucatán. A intensidade expressiva é conseguida através de jogos de pergunta-resposta nos quais se envolvem diversos grupos contrastantes de instrumentos. O regresso da melodia inicial contribui para a intensificação do final, quando os *ostinati* se sobrepõem de forma dramática até à reexposição da primeira secção, cujo som submerge progressivamente até desaparecer. *Noche de Yucatán* consiste num andamento calmo em que se destaca a melodia e o contraponto, remetendo para as bandas sonoras cinematográficas. Após a exposição de temas angulares, o lirismo estático emerge na secção intermédia, em que a pulsação regular suporta longas melodias de características românticas. Segue-se um curto episódio dominado pela periodicidade rústica da dança popular, que prepara o regresso da atmosfera contemplativa. *Noche de Encantamiento* encontra-se na forma tema e variações, em que o ritmo e os instrumentos de percussão desempenham um papel central. Começa com um acorde dissonante, que introduz a melodia

sinuosa do oboé, pontuada pela percussão. O movimento dos instrumentos graves acelera e cria tensão numa espécie de movimento perpétuo, cedendo lugar a uma secção em que se destaca a percussão, inspirada nos ritmos latino-americanos. Os padrões sobrepostos aumentam e reduzem de intensidade, apoiados em trocas de materiais entre os sopros e as cordas. O final de *La Noche de los Mayas* tem um cariz rapsódico, numa sucessão e condensação dos motivos da banda sonora, até ao retorno da melodia modal do primeiro andamento, apresentada numa atmosfera mais movimentada e sobre uma secção de percussão muito activa.

JOÃO SILVA, 2019

## Carlos Izcaray direcção musical

Carlos Izcaray é Director Musical da Sinfónica do Alabama e da Sinfónica Americana de Jovens. Aclamado pela imprensa internacional, ganhou 1<sup>os</sup> prémios no Festival de Música de Aspen (2007) e no Concurso Internacional de Direcção Toscanini (2008). Desde então tem-se apresentado com inúmeros ensembles em todo o mundo, estabelecendo-se como um dos principais maestros da sua geração. Revela especial interesse e habilidade na abordagem a algumas das partituras mais complexas do repertório sinfónico, ao mesmo tempo que defende a interpretação historicamente informada de obras do passado.

Carlos Izcaray tem dirigido agrupamentos como as Sinfónicas de St. Louis, Pacífico, Carolina do Norte, Grand Rapids e Kitchener-Waterloo; as Orquestras de Câmara de Los Angeles, San Antonio e Lausanne; a Orquestra da Komischen Oper Berlin; as Sinfónicas de Malmö, Casa da Música, Banguécoque, Colômbia, Baía, Salta (Argentina), Venezuela e Caracas; as Filarmónicas de Kwazulu-Natal, Macedónia, Venezuela e Arturo Toscanini; e a Orquestra Regional de Emilia-Romagna, entre outras. A sua gravação mais recente, *Through the Lens of Time*, inclui a *Recomposição* de Max Richter sobre *As Quatro Estações* de Vivaldi, com a Sinfónica Cidade de Birmingham e o violonista Francisco Fullana (2018, Orchid Classics).

Dirige com igual à-vontade ópera, recebendo excelentes críticas por apresentações nas Óperas de St. Louis e Utah, no Festival Internacional de Ópera Alejandro Grandá no Peru e, em particular, no Festival de Ópera de Wexford, onde dirigiu inúmeras produções. Em 2010, a produção de *Virgínia* de Mercadante

foi premiada nos Irish Times Theatre Awards (Melhor Ópera).

Um fervoroso adepto do apoio às novas gerações, Carlos Izcaray tem trabalhado com jovens talentos e importantes instituições musicais, entre as quais o *El Sistema* no seu próprio país. Fruto da sua paixão pela formação musical, tornou-se Director Artístico da American Youth Symphony em 2016.

Destacado violoncelista, Carlos Izcaray apresentou-se como solista e em música de câmara pelo mundo todo e ocupou os cargos de Violoncelo Principal e Presidente Artístico da Orquestra Sinfónica da Venezuela, antes de se dedicar a tempo inteiro à direcção. Cada vez mais activo enquanto compositor, a sua obra *Cota Mil* foi estreada pela Orquestra Sinfónica Municipal de Caracas. Dirigiu a Sinfónica do Alabama na estreia da sua obra *Yellowhammer*, em 2018. No mesmo ano a American Youth Symphony estreou *Strike Fugaz*, encomendada em parceria com a Human Rights Watch para celebrar a campanha global pela justiça social, a igualdade e a liberdade.

Carlos Izcaray nasceu em Caracas numa família com várias gerações de artistas. Iniciou os estudos musicais aos 3 anos no sistema de orquestras de jovens da Venezuela, e foi aluno do Conservatório Emil Friedman. Estudou direcção com o seu pai desde a adolescência e tornou-se membro da Academia Americana de Direcção em Aspen. Frequentou a Interlochen Arts Academy (Michigan), a New World School of the Arts (Florida) e a Jacobs School of Music na Universidade de Indiana. Divide o seu tempo entre Birmingham e Berlim.



## **Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música**

**Baldur Brönnimann** maestro titular

**Leopold Hager** maestro emérito

**Stefan Blunier** maestro associado

**Christian Zacharias** maestro convidado  
principal designado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair, Frank Peter Zimmermann ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Sir Harrison Birtwistle e Georg Friedrich Haas, a que se junta em 2019 o compositor Jörg Widmann.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CDs monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de discos dedicados a obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2019, a Orquestra apresenta obras-chave do Novo Mundo – entre as quais *Amériques* de Edgard Varèse e a *Quarta Sinfonia* de Charles Ives –, a Integral das Sinfonias de Tchaikovski, as sonoridades revolucionárias de Ligeti e novas obras de Jörg Widmann, Pedro Amaral e Clotilde Rosa.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

**Violino I**

Afonso Fesch\*  
Veliyana Yordanova\*  
Radu Ungureanu  
Emília Vanguelova  
Tünde Hadadi  
Maria Kagan  
Evandra Gonçalves  
José Despujols  
Roumiana Badeva  
Vladimir Grinman  
Vadim Feldblioum  
Ianina Khmelik  
Andras Burai  
Alan Guimarães

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
Mariana Costa  
José Paulo Jesus  
Pedro Rocha  
Paul Almond  
Francisco Pereira de Sousa  
Domingos Lopes  
Nikola Vasiljev  
José Sentieiro  
Jorman Hernandez\*

**Viola**

Mateusz Stasto  
Anna Gonera  
Hazel Veitch  
Luís Norberto Silva  
Rute Azevedo  
Jean Loup Lecomte  
Theo Ellegiers  
Francisco Moreira  
Biliana Chamlieva  
Tânia Trigo\*

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
Vicente Chuaqui  
Feodor Kolpachnikov  
Bruno Cardoso  
Sharon Kinder  
Aaron Choi  
Gisela Neves  
Hrant Yeranosyan

**Contrabaixo**

Risto Vuolanne\*  
Tiago Pinto Ribeiro  
Nadia Choi  
Joel Azevedo  
Altino Carvalho  
Slawomir Marzec

**Flauta**

Paulo Barros  
Angelina Rodrigues  
Alexander Auer

**Oboé**

Aldo Salvetti  
Roberto Henriques  
Eldevina Materula

**Clarinete**

Carlos Alves  
João Moreira  
Gergely Suto

**Saxofone**

Fernando Ramos\*

**Fagote**

Oliver Engels\*  
Robert Glassburner  
Vasily Suprunov

**Trompa**

Nuno Vaz\*  
Bohdan Sebestik  
Hugo Carneiro  
José Bernardo Silva

**Trompete**

Sérgio Pacheco  
Luís Granjo  
Rui Brito

**Trombone**

Severo Martinez  
Dawid Seidenberg  
Joaquim Rocha\*

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Paulo Oliveira  
Nuno Simões  
André Dias\*  
Sandro Andrade\*  
Pedro Góis\*  
Renato Peneda\*  
Tomás Rosa\*  
Daniel Araújo\*  
Jorge Lima\*  
Vasco Fazendeiro\*  
José Ramalho\*

**Harpa**

Ilaria Vivan  
Ana Paula Miranda\*

**Piano/Sintetizador**

Luís Filipe Sá\*

**Celesta**

Luís Filipe Sá\*  
Luís Duarte\*

\*instrumentistas convidados

# PRÓXIMOS CONCERTOS

23 SÁB · 18:00 SALA SUGGIA

## DÓ-RÉ-MI

ORQUESTRA SINFÓNICA DO PORTO CASA DA MÚSICA

PETER EÖTVÖS direção musical

LETICIA MORENO violino

GYÖRGY KURTÁG *Petite musique solennelle*  
(estreia em Portugal)

PETER EÖTVÖS *DoReMi, concerto para violino*  
e orquestra (estreia em Portugal)

BÉLA BARTÓK *Suite de O Mandarim Maravilhoso*

17:15 Cibernúsica

Palestra pré-concerto por DANIEL MOREIRA

24 DOM · 18:00 SALA SUGGIA

## O BEIJO SECRETO

REMIX ENSEMBLE CASA DA MÚSICA

PETER EÖTVÖS direção musical

RYOKO AOKI voz

VICTOR PEREIRA clarinete

PETER EÖTVÖS *Joyce, para clarinete e quarteto de*  
*cordas* (estreia em Portugal)

PETER EÖTVÖS *Steine*

PETER EÖTVÖS *Secret Kiss, para voz e ensemble*  
(estreia em Portugal; encomenda Casa da Música, Gageego Ensemble, Ensemble  
Musikfabrik, Plural Ensemble, MUPA Budapest and Bunka Kaikan Tokyo)

PIERRE BOULEZ *Domaines, para clarinete e ensemble*



— TRANSFORME O SEU —

IRS \_ EM \_ MÚSICA

11 CONSIGNAÇÃO DE 0,5% DO IRS/CONSIGNAÇÃO DO BENEFÍCIO DE 15% DO IVA SUPORTADO

ENTIDADES BENEFICIÁRIAS				NIF	IRS	IVA
INSTITUIÇÕES CULTURAIS COM ESTATUTO DE UTILIDADE PÚBLICA	1103	X	507636295	X		

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA  
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL  
CASA DA MÚSICA

**SONAE**

 **REPÚBLICA  
PORTUGUESA**  
CULTURA

 **BPI**